



XVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)

La Comunicación como Bien Público Global:

Nuevos lenguajes críticos y debates hacia el porvenir

Buenos Aires, Argentina, 26 al 30 de septiembre de 2022

Organizan

- ❖ Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC).
- ❖ Federación Argentina de Carreras de Comunicación Social (FADECCOS).

Ponencia presentada al GT 15 – Comunicación u Ciudad

Ativismos e comunicação urbana: a Rede Social Bela Vista no Bixiga

(São Paulo/Brasil)

Activismos y comunicación urbana: la Red Social Bela Vista en

Bixiga (São Paulo/Brasil)

Activisms and urban communication: the Bela Vista Social Network in Bixiga

(São Paulo/Brazil)

Simone Luci Pereira ¹

Milena Signor Avelar²

¹ Simone Luci Pereira, professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Paulista – UNIP. Doutora em Ciências Sociais – Antropologia e Pós-Doutorado em Comunicação. Brasil. simonelp@uol.com.br

² Milena Signor Avelar, doutoranda em Comunicação (PPG Comunicação – Universidade Paulista – UNIP). Bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Mestre em Comunicação (UNIP). Brasil. signormila@hotmail.com



Resumo: Esta comunicação apresenta e analisa aspectos de pesquisa mais ampla que estuda os ativismos urbanos em articulação com ativismos culturais e suas formas de comunicação urbana na região do Bixiga área central de São Paulo/Brasil. Por meio das noções de “comunicação urbana”, “mobilidades” e “cultura como recurso” como operadores conceituais, e o trabalho de campo presencial e digital de inspiração etnográfica/cartográfica como metodologia, temos como foco as ações do coletivo Rede Social Bela Vista no anos de 2018 e 2019 e algumas de suas ações em 2022. Buscamos compreender como suas atividades refletem elementos da comunicabilidade do urbano, articulando ativismos pelo direito à cidade, usos e apropriações dos territórios, lógicas de produção e consumo cultural contemporâneo e cosmopolita, identidades e modos de estar juntos.

Palavras-chave: Bixiga, Ativismo, Comunicação urbana

Abstract: This paper presents and analyzes aspects of a broader research that studies urban activism in conjunction with cultural activism and its forms of urban communication in the Bixiga region in the central area of São Paulo/Brazil. Through the notions of “urban communication”, “mobilities” and “culture as a resource” as conceptual operators, and the presential and digital fieldwork with ethnographic/cartographic inspiration as a methodology, we focus on the actions of the Bela Vista Social Network collective, in 2018 and 2019 and some of its actions in 2022. We seek to understand how its activities reflect elements of urban communicability, articulating activism for the right to the city, uses and appropriations of territories, logics of contemporary and cosmopolitan cultural production and consumption, identities and ways of being together.

Key words: Bixiga, Activism, Urban communication

Tema central

A região do Bixiga (distrito da Bela Vista) na área central da cidade de São Paulo, possui um histórico de constituição e ocupação que revelam traços da história mais ampla da cidade: primeiramente, por negros estabelecidos em um quilombo urbano no final do século XIX; foi ocupada também por migrantes italianos na virada para o século XX; por migrantes



oriundos no nordeste do Brasil nos anos 1960/70 e, mais recentemente, por imigrantes e refugiados da Palestina e África.

Numa disputa por sentidos de identidade e pertencimento, percebem-se disputas pela memória social legítima dos grupos, entre negociações, hierarquias em suas dimensões políticas. Com uma marca da interculturalidade (Garcia Canclini, 2007) - não usada aqui de maneira acrítica ou harmonizadora - percebem-se zonas intersticiais de negociação e conflito entre grupos culturais, revelando aspectos importantes de serem analisados nas conjunturas de diáspora, globalização e cidades globais periféricas. Nesta região do Bixiga, migrantes, negros, grupos LGBTQIA+ fazem uso da cultura como recurso para cidadanias culturais e comunicacionais (Yudice, 2006) e reivindicação da cidade; (Román-Velazquez, 2021), construindo visibilidades/audibilidades midiáticas e formas de gerir suas autorrepresentações nas redes digitais. Ressaltam, assim, com suas ações e posicionamentos o que as noções de identidades (Hall, 2003) trazem a respeito das representações unívocas e estabelecidas como hegemônicas, negociando e apresentando diferenças e dissonâncias pela via da cultura, no seu dia a dia.

Compreender e analisar características existentes no Bixiga, seus múltiplos agentes e suas dinâmicas comunicacionais e interculturais (Pereira, 2018) e suas faces de ativismo urbano e cultural nos permite entender seu lugar como agente atuante nos debates atuais sobre direito à cidade e sobre circuitos de produção e consumo cultural e material. Essas dinâmicas estão diretamente ligadas ao estudo e compreensão da comunicabilidade do urbano, levando em conta a complexidade de seu tecido material, os fluxos de pessoas, imagens, tecnologias, imaginários, culturas e subjetividades.

Objetivos



Neste *paper*, abordamos sentidos do ativismo e comunicação urbana que se mostram nas ações de alguns atores sociais na região do Bixiga (São Paulo/Brasil). Em especial, nos detemos em um grupo/coletivo, a Rede Social Bela Vista, que reúne coletivos e pessoas da região: produtores culturais, artistas, ativistas, donos de estabelecimentos comerciais, representantes de associações culturais (escola de samba, casa de capoeira, entre outros) que se reúnem periodicamente, além de manterem interações via plataformas digitais para discutir, viabilizar projetos e ações no bairro, organizar eventos e construir formas de ativismos urbanos conjugadas à várias frentes de atuação. Ao escolhermos a Rede Social Bela Vista como foco de análise, levamos em conta o fato de ela ser um nó de uma rede de redes, um coletivo de coletivos com muitas articulações reticulares que se desdobram em outras vinculações e colaborações com outros grupos e coletivos, institutos de pesquisa, unidades do SESC (Serviço Social do Comércio), ONGs e causas, algo que parece ser uma característica importante e marcante de muitos ativismos no século XXI.

Discussão teórica

Usamos como importante operador conceitual e metodológico a noção de comunicação urbana articulada à perspectiva das mobilidades. Tal perspectiva privilegia a análise das redes e fluxos de pessoas, imaginários, bens, imagens, sonoridades, transportes, processos comunicacionais e políticos, práticas culturais/artísticas e informações pela cidade. A noção de comunicação urbana (Caiafa, 2017; Canevacci, 1993 e 2021; Pereira; Rett; Bezerra, 2021) - que articula o campo da Comunicação, Geografia, Sociologia e Antropologia - designa uma compreensão da cidade a partir dos meios, mediações e redes (não necessariamente tecnológicas) que a constituem e que se refazem constantemente. Entendemos a comunicação urbana como maneira interdisciplinar de refletir sobre as formas pelas quais os sujeitos e grupos se conectam com outros e com o espaço urbano mediatizado



através de meios materiais, simbólicos, tecnológicos e políticos (Caiafa, 2017), articulando diferentes dimensões das culturas urbanas pela perspectiva comunicacional.

Destacamos, na Rede Social Bela Vista e suas formas de atuação, aspectos das formações de múltiplos agenciamentos na cidade, em seus fluxos, nós e redes (não apenas tecnológicos), dinâmicas e associações que evidenciam essa comunicação urbana, suas formas de emergência e seus limites. A noção de comunicação urbana nos auxilia na compreensão da circulação de pessoas, ideias, imaginários, colaborações, ativismos, entre outros elementos, que atravessam e se desdobram por meio da Rede Social Bela Vista. Conjugando formas de atuação que articulam e negociam sentidos mais institucionais e também comunitários, a Rede articula lógicas e dinâmicas locais/globais que ocorrem no Bixiga, entre economias e práticas culturais alternativas e criativas, sentidos de empreendedorismos e usos da cultura como recurso (Yudice, 2006) em seus limites, tensões e possibilidades.

Dialogamos com as discussões que articulam cidade e comunicação e pensamos a urbe em suas características midiáticas/comunicacionais, apontando uma dimensão de comunicabilidade nas próprias configurações do urbano: traçados, trajetos, dinâmicas, fluxos, alianças e socialidades. A perspectiva das mobilidades (Urry, 2007; Freire-Medeiros; Lages, 2020, p. 134) nos ajuda a compreender as maneiras pelas quais sujeitos, coletivos e grupos buscam, esboçam e realizam - em diferentes graus – formas de se conectarem e se vincularem com outros grupos e territorialidades da cidade, em sentido material e imaterial, em que pesem aqui potencialidades, limites e impossibilidades.

Na análise das cidades e da vida urbana, mostra-se importante considerar a polifonia de vozes e de atores no ambiente urbano, refletindo sobre os usos do espaço, estando atentos às práticas contra-hegemônicas, imprevisíveis e astuciosas dos seus habitantes (Cruces, 2016; Certeau, 1994) e às brechas ali abertas em suas formas de ativismo urbano (Harvey, 2012;



Migliano, 2020). Nesse sentido, nos é caro o conceito de multi ou transterritorialidades de Haesbaert (2014), auxiliando a pensar sobre as fronteiras, as mesclas, os fluxos, os espaços abertos, as dinâmicas, as apropriações simbólicas e as práticas na urbe com vistas à alteridade.

Estas redes interconectadas nas cidades se desdobram pela multiplicação das trajetórias que se cruzam, entram em conflito e negociação, perfazendo a possibilidade de sentidos comuns e da partilha de experiências em pontos nodais (mais ou menos duradouros) de conexão e de convergência de muitos circuitos urbanos e trajetórias, fazendo com que a cidade exerça seu papel que conclama para a heterogeneidade e para que os espaços públicos se tornem espaços coletivos (Caiafa, 2003).

A noção de espaço público oriunda da Modernidade republicana precisa ser recolocada, como sugere Delgado (2007). A noção de que ela seria o oposto do espaço da vida privada, uma ágora de decisões coletivas, espaço da igualdade sem assimetrias e com a participação de iguais acaba por tornar-se uma ideologia e uma dicotomia que dificulta a compreensão dos usos dos espaços por grupos como esses analisados (Pereira; Rett; Bezerra, 2021). Neste sentido há que se pensar na noção de espaços semi-públicos (rompendo com a dicotomia público/privado), como aqueles onde se produzem relações em público, vínculos que se estabelecem entre pessoas que não se conhecem ou se conhecem de vista e vão negociar sentidos, englobando diferentes graus de acesso, disponibilidade e promoção de encontros (Reia, 2018), não encarado como um dado em si (Frehse, 2013), mas como fruto das práticas que ocorrem nele e dos usos que recebe.

Como desdobramento desta reflexão, é que chegamos à noção de espaços coletivos, como concepção híbrida, negociada e dinâmica em que público e privado se mostram em reconstrução, rearranjos e mesclas (Fontes; Fabião, 2016; Caiafa, 2003) e nos parecem úteis. As autoras propõem a noção de espaços coletivos para designar locais onde ocorrem ações



na cidade que partem de iniciativas de grupos alterando e até modificando lógicas públicas e privadas da cidade. A noção de espaços coletivos transcende as noções cívicas e legais de espaço público tradicionalmente edificadas, sendo pensada a partir da lógica de seus usos coletivos e como lugares onde a vida coletiva se desenvolve, podendo estes serem privados e públicos ao mesmo tempo. Nos espaços intermediários se elaboram “partes do tecido urbano multiforme” (Fontes; Fabião, 2016) fortalecendo encontros, vinculações, associações, negociações interculturais, gerando a vida nas cidades e seu tecido social e comunicacional.

Aspectos metodológicos

A metodologia adotada para esta investigação é o trabalho de campo de inspiração etnográfica/cartográfica: observação, anotações, entrevistas e/ou conversas informais nas reuniões e eventos da Rede Social Bela Vista. Com a mesma perspectiva metodológica, são também acompanhadas as ações, práticas e associações desses atores em suas redes sociais digitais.

Etnografia é aqui entendida como método e como postura ética junto aos interlocutores e suas falas, imaginários e práticas. Na esteira de uma larga tradição antropológica, o trabalho de campo etnográfico aborda as práticas de determinado grupo, ao mesmo tempo em que busca compreender os sentidos, valores, compreensões e pontos de vista que estes sujeitos dão a eles. A etnografia, que envolve observação, registros, anotações de campo, entrevistas e relato, tem lastro nas ciências sociais e humanas e já vem sendo problematizada e tensionada principalmente no que diz respeito ao seu histórico colonialista, a autoridade etnográfica, bem como pelo seu histórico de cunho funcionalista (em especial, a separação estabelecida entre pesquisador-pesquisados) (Rocha, 2006; Restrepo, 2012). Cientes e em acordo com estas críticas e questionamentos, busca-se um caminho de pesquisa de inspiração etnográfica (Pereira et al, 2022), que utiliza alguns instrumentos, mas sem a rigidez e obrigatoriedade dos cânones, passos, técnicas e processos vistos como



imprescindíveis na pesquisa de campo. Encara-se a pesquisa de campo de inspiração etnográfica como adequada para acompanhar processos e ações dos sujeitos e grupos e como postura crítica e ética frente aos mesmos, acompanhada de uma reflexão crítica constante sobre os próprios processos da pesquisa e seus agenciamentos. Mais do que uma metodologia e suas técnicas, a inspiração etnográfica é entendida e assumida como um método-pensamento, como alude Caiafa (2020), sobre os próprios passos e processos da pesquisa, e como ação que procura romper a noção de sujeito-objeto como separados e hierarquizados, ampliando o campo da compreensão e trazendo a intersubjetividade (Rocha, 2006).

Acompanhamos as ações da Rede Social Bela Vista entre os anos de 2018 e 2019 presencialmente e em suas redes digitais, pensando a liminaridade e complementaridade entre ruas e redes, “praças e internet” (Migliano, 2020), ou seja, compreendendo como as redes presenciais e digitais se retroalimentam e se configuram em diálogo e negociação. No ano de 2018 e 2019, acompanhamos presencialmente as reuniões e eventos da Rede Social Bela Vista. Já nos tempos pandêmicos, temos observado e acompanhado algumas de suas ações online, pelas suas redes sociais digitais, uma vez que essa é a forma que o grupo/coletivo tem usado para se reunir.

Principais resultados, reflexões e conclusões

De uma maneira peculiar os integrantes da Rede Social Bela Vista mesclam lógicas de funcionamento e atuação de ONG's, com instituições mais tradicionais, comunitárias e também lógicas ativistas, articulando iniciativa privada, setor público e organizações sem fins lucrativos (Pereira; Avelar, 2020). Rocha e Pereira (2017) explicam que as crenças dos coletivos, a celebração do encontro entre amigos ou desconhecidos, está vinculado ao modo como compreendem o projeto de sociedade que desejam construir, constituindo práticas que



são comprometidas, afetuais e implicam em ações cotidianas e jeitos de fazer-cidade (Agier, 2016).

O viés ativista percebido na Rede pode ser visto em muitos dos agentes do bairro; um ativismo que faz parte de um certo estilo de vida, visível no momento em que ele está em ação, mas também presente nas questões do dia a dia, salientando uma certa politização do cotidiano, em que o domínio do político escapa das esferas institucionais e formais e alcança aspectos da vida de todo dia. As práticas ativistas vão sendo definidas pelos próprios sujeitos que nelas atuam por suas características horizontais e pela consciência das disputas de poder, incluindo as que se dão em torno das possibilidades de enunciação (Rocha; Pereira, 2017), construção e afirmação de identidades e negociações por hegemonia.

Entre as questões que elencamos como principais nas ações da Rede no período analisado, está o 1. uso da cultura e das identidades locais como recurso (Yudice, 2006) e forma de visibilização e de ativismo cultural-urbano; 2. as questões ligadas ao direito à cidade e problemas de gentrificação da região. Os aspectos de gentrificação e da especulação imobiliária na região da Bela Vista mostrou-se como uma questão abordada em diferentes momentos que acompanhamos. Ela se articula à preocupação pelo direito à cidade, às questões ambientais e aos recursos verdes da região, revelando sentidos de estilos de vida alternativos que podem ser pensados e esboçados para a vida urbana. Estas questões surgiram nas reuniões e também nas postagens nas redes sociais da Rede e mostram-se articuladas a esta questão da sustentabilidade e modos de vida alternativos.

Embora o foco tenha sido os anos de 2018 e 2019, buscamos também atentar para as ações da Rede nesse momento (pós)pandêmico, que desde março de 2022 tem possibilitado (na cidade de São Paulo) a reabertura integral de espaços culturais e a reativação de encontros presenciais em várias esferas. Se antes da pandemia atuavam em prol das dinâmicas de produção e consumo cultural local e da promoção das atividades no e para o bairro, a



pandemia trouxe à tona necessidades e preocupações em relação a saúde, á alimentação e à manutenção das necessidades básicas dos próprios moradores e agentes culturais. A impossibilidade das interações presenciais pôs em xeque as ações articuladas em reuniões, comemorações e festas de ruas, por exemplo, trazendo a nova realidade das interações online/digitais. Em contato com uma de suas integrantes que, além de moradora, gere um instituto de pesquisa no Bixiga, soubemos que as reuniões e atividades presenciais voltaram a ocorrer no começo de 2022, salientando que, mesmo no formato remoto, o grupo nunca deixou de se reunir, discutir e atuar.

Outro ponto de atenção nas ações da Rede no ano de 2022, são as discussões em torno das obras de construção de uma estação de metrô (Linha Laranja) que está em curso na região, em princípio batizada como estação “14 Bis” em referência ao nome de uma praça próxima. Durante as escavações, foram encontradas evidências arqueológicas de um quilombo urbano que havia naquele lugar, em torno do córrego da Saracura, no final do século XIX. A obra do metrô foi interrompida para estudos técnicos e um movimentação de atores sociais da região, movimentos sociais negros, entre outros, passaram a se organizar para reivindicar 1. a paralização das obras para estudos mais aprofundados e recolhimentos dos vestígios arqueológicos; 2. a construção de um museu ou memorial que guarde esses vestígios e se edifique como uma local de educação patrimonial; e 3. a mudança do nome da estação de metrô para “Saracura/Vai-Vai”, invocando a memória e presença negra no nome do quilombo e do córrego já canalizado e da Escola de Samba que ali existe.

Esses atores sociais alegam que Estado e mercado enxergam a instalação do metrô apenas como um negócio que favoreceria a expansão imobiliária do bairro e sua gentrificação, sem olhar para a história, para os moradores, seus valores e a presença negra no local. Em suas atividades nas redes sociais e nas manifestações em prol de visibilidade em busca de reforços por esta causa, criaram vários slogans, como por exemplo “Não somos



contra a chegada do metrô, somos contra o apagamento da memória negra do Bixiga”. Realizaram também “Rodas de conversa” abertas em espaços públicos da região - como a emblemática Escadaria do Bixiga - para contar as origens negras do local, explicar as reivindicações em torno da obra do metrô, e abrir discussões para demais demandas.

Na busca por compreender redefinições e desdobramentos de agendas e pautas após os dois anos de pandemia, precarização socioeconômica do país e desinvestimento estatal, (principalmente no que diz respeito à esfera cultural), outra movimentação da Rede que nos chama a atenção no ano de 2022, é a parceria com a Ocupação Nove de Julho, coordenada pelo Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), que fica no mesmo distrito da Bela Vista, mas não na região do Bixiga. Essa ocupação popular por moradia tem alcançado expansão e grande capacidade de atuação reticular na cidade, tendo entre seus aliados intelectuais, jornalistas, urbanistas e políticos, e uma ação cultural com saraus, apresentações musicais e eventos em sua área coletiva (no quintal do edifício). Mais ainda, com a constituição de uma horta e uma cozinha solidária e sustentável capitaneada por uma refugiada congoleza que vive na ocupação, o espaço coletivo tem ganhado relevância no que diz respeito aos debates atuais sobre urbanismos e economias solidárias e insurgentes (no dizer de seus coordenadores). A Ocupação Nove de Julho tem atuado em parceria com a Rede Social Bela Vista e outros movimentos e coletivos nas lutas em torno das obras do metrô.

Temos como conclusões parciais o entendimento de que as práticas da Rede refletem elementos da comunicabilidade do urbano, articulando ativismos pelo direito à cidade, usos e apropriações dos territórios, lógicas de produção e consumo cultural contemporâneo e cosmopolita, identidades e modos de estar juntos. Formas de “fazer-cidade” (Agier, 2016) mostram-se em elaboração nas ações, parcerias, usos dos espaços da cidade, reivindicação de memórias e pertencas, enfatizando o quanto a “construção de redes de solidariedade e



colaboração entre grupos mostra-se crucial para resistir à gentrificação e defender a justiça espacial e a inclusão urbana” (Román-Velázquez, 2022, p.4. Tradução nossa).

Bibliografía

- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. *Mana*. Rio de Janeiro, v.21 n.3. 2016.
- CAIAFA, Janice. Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. *Questões Transversais*, São Leopoldo, Brasil, v. 7, n. 14, P.1-10. 2020.
- CAIAFA, Janice. Apresentação ao Dossiê Comunicação urbana. *Eco Pós*. v.20, n.3, 2017. p. 1-9.
- CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades. *Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*. n.18, 2003. p.91-101.
- CANEVACCI, Massimo. Constelações ubíquas: rumo a uma antropologia não antropocêntrica. *Matrizes*. v.15. n.1. p.13-43, 2021.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - Artes de fazer*. vol 1. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CRUCES, Francisco (Coord). *Cosmópolis: nuevas maneras de ser urbanos*. Barcelona: Gedisa, 2016.
- DELGADO, Manuel. *Sociedades movilizadas: pasos hacia una antropología de las calles*. Barcelona: Anagrama, 2007.
- FREHSE, Fraya. A rua no Brasil em questão (etnográfica). *Anuário Antropológico/2012*, v. 38, n. 2, p. 99-129, 2013.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mauricio. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. *Revista Crítica de Ciências Sociais [Online]*, n.123. p. 121-142. 2020.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. *A Globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.



HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais* (org. Liv Sovik). Belo Horizonte: Editora UFMG/ Brasília: Unesco, 2003.

HARVEY, David. O direito à cidade. *Lutas sociais*, São Paulo, n. 29, p. 73-89. 2012.

MIGLIANO, Milene. *Entre a praça e a internet: outros imaginários políticos possíveis na Praia da Estação*. Cachoeira/BA: Ed. UFRB, 2020.

PEREIRA, Simone Luci. Alternativos, autorais, resistentes: coletivos musicais, festas e espaços de música em São Paulo. In: FERNANDES, C. e HERSCHMANN, M. (orgs). *Cidades musicais: comunicação, territorialidade, política*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2018.

PEREIRA, Simone Luci; AVELAR, Milena Signor. Rede social Bela Vista: ativismos urbanos, redes e dinâmicas comunicacionais no Bixiga. *ANIMUS – Revista Interamericana de Comunicação Midiática*. v. 19. n.40. p.230-252. 2020.

PEREIRA, Simone Luci; RETT, Lucimara; BEZERRA, Priscila M. Músicas e sons que ecoam pelas ruas da cidade: o evento Paulista Aberta. *E-Compós*. v.24. p.1-22. 2021.

PEREIRA, Simone Luci et al. Apropriações da cidade em práticas musicais juvenis em São Paulo: experiências de uma pesquisa coletiva. In: ALVARADO, Sarah V. et al (eds). *Violencias, contra-hegemonías y re (ex)istencias*. Manizales/Colombia: CINDE/CLACSO, 2022. (no prelo).

REIA, Jhessica. Ritmos da cidade: som, regulação e persistência da música de rua. *Trabalho apresentado no GP Comunicação e Estudos de som e Música, Compós2018. Anais....* Belo Horizonte. Junho/2018.

RESTREPO, Eduardo. Antropologías dissidentes. *Cuadernos de Antropología Social*. n. 35, p. 55–69, 2012.

ROCHA, Gilmar. A etnografia como categoria de pensamento na antropologia moderna. *Cadernos de Campo*. São Paulo, n. 14/15. 2006. p. 99-114.

ROCHA, Rose de Melo; PEREIRA, Simone Luci. Ativismos juvenis como artesanaria de uma outra democracia: comunicação, consumo e engajamento político. *Comunicação & Sociedade*. v. 39 n. 3. 2017. p.161-188.

ROMÁN-VELÁZQUEZ, Patria. Resisting gentrification, reclaiming urban spaces: Latin urbanisms in London. *Journal of Urbanism: International Research on Placemaking and Urban Sustainability*. DOI: 10.1080/17549175.2022.2071967



ROMÁN-VELÁZQUEZ, Patria. *Palestra proferida no Seminário Quebras e Dobras do Urbano*. São Paulo. 2021.

FONTES, Adriana S.; FABIÃO, Aline C. Além do público - privado: intervenções temporárias e criação de espaços coletivos no Rio de Janeiro. *Revista de Arquitetura*, n. 18, v.2, p. 27-39, 2016.

URRY, John. *Mobilities*. Cambridge: Polity Press, 2007.

YUDICE, George. *A conveniência da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.